Temas em Saúde
Volume 18, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

MULHERES E O USO DE BENZODIAZEPÍNICOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

WOMEN AND THE USE OF BENZODIAZEPINE: A INTEGRATION REVIEW

Daniel Sarmento Bezerra[1]
André Ricardo Bezerra Bonzi[2]
Girliane Regina da Silva[3]
Ana Karla Bezerra da Silva Lima[4]

RESUMO - Objetivo: analisar junto à literatura científica como a sociedade vem utilizando os benzodiazepínicos na última década, especialmente as mulheres. **Método:** o estudo é do tipo revisão integrativa de literatura, constituída por publicações indexadas no banco de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Para coleta de informações foram utilizados Descritores em Ciências da Saúde: benzodiazepínicos; consumo; mulheres. Foi encontrado um universo de 317 artigos, que após aplicação dos critérios de elegibilidade obteve-se uma amostra de 05 artigos científicos compatíveis com a temática proposta. **Resultados e discussões:** Os resultados demonstraram que grande parte dos usuários de benzodiazepínicos (BZD) é do sexo feminino, com idade entre 50 e 69 anos, baixa escolaridade e renda. Muitas destas mulheres não estão inseridas no mercado de trabalho, o que corrobora para o uso abusivo destes fármacos, e que a situação sócio demográfica é fator agravante e de risco para dependência e uso prolongado. **Conclusão:** Os estudos epidemiológicos são de extrema importância para que políticas públicas possam ser direcionadas ao público alvo desejado. Através deste artigo de revisão foi possível observar que as mulheres são um público mais propenso ao uso indiscriminado de fármacos ansiolíticos e que por sua vez precisam ser acompanhadas por políticas públicas de saúde que trabalhem a promoção e a prevenção de agravos nesta comunidade.

Palavras-chave: Benzodiazepínicos. Consumo. Promoção da Saúde. Mulheres.

---

[1] Graduando em Medicina pela Faculdade de Medicina Nova Esperança. João Pessoa-PB, Brasil. Email: sarmentomeddaniel@gmail.com
[2] Graduando em Enfermagem pela Faculdade Uninassau. João Pessoa-PB, Brasil. Email: bonzipb@gmail.com
[3] Docente da Faculdade Santíssima Trindade, Nazaré da Mata-PE. Farmacêutica Industrial pela UFPB, João Pessoa, Brasil. Email: girlianeregina@gmail.com
[4] Docente da Faculdade Santíssima Trindade, Nazaré da Mata-PE. Enfermeira pela FACENE, João Pessoa-PB, Brasil. Email: lima.anakarla@gmail.com

Temas em Saúde
Volume 18, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

ABSTRACT - Objetive: Analyze next to the scientific literature as the society has been using the benzodiazepines in the last decade, especially women. **Method**: type of study integrative literature review, composed of publications indexed in the database of the Virtual Health Library (VHL). For information gathering descriptors were used in Health Sciences: benzodiazepines; cosume; women. A universe of 317 articles was found, that after application of the eligibility was obtained a sample of 05 compatible scientific articles with the proposed theme. **Results and discussions**: The results showed that the majority of users of Benzodiazepines (BZD) is of the sex female, with aged 50-69 years, low schooling and income. Still have that many of these women are not included in the labor Market, which corroborates for abusive use of these drugs, and that the socio-demographic situation is an aggravating fator and risk of dependence and prolonged use. **Conclusion**: Epidemiological studies are of utmost importance for tha public policies can be directed to desired target audience. Through this review article was possible to observe that women are a public more prone to indiscriminate use of anxiolytic drugs and who in turn need be accompanied by public health policies that work the promotion and the prevention of injuries in this community.

Keywords: Benzodiazepines. Consumption. Health promotion. Women.

INTRODUÇÃO

Os transtornos de ansiedade têm aumentado expressivamente no último século, sobretudo devido às profundas transformações ocorridas no âmbito econômico e cultural que foram acompanhadas por pressões de uma sociedade moderna, tecnológica e principalmente cada vez mais competitiva (MARCHI et al, 2013).

A história dos fármacos denota que para tratar a insônia e a ansiedade é desde a época da antiguidade, com o uso de bebidas alcoólicas e ópio, e se resume à história do abuso de medicamentos e de overdoses fatais. Após sua comercialização, no início dos anos 60, os Benzodiazepínicos rapidamente deslocaram os barbitúricos (que são drogas farmacêuticas que possuem efeitos colaterais importantes e até mortais) e tornaram-se os mais utilizados com finalidade sedativa (MAGALHÃES; DINELLY; OLIVEIRA, 2016). As últimas pesquisas indicam que a venda de benzodiazepínicos dobra a cada cinco anos impondo aos médicos uma maior responsabilidade na dispensa destes fármacos (CASTRO et al., 2013).

Temas em Saúde
Volume 18, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

Conforme autor supracitado, os Benzodiazepínicos estão entre os fármacos mais prescritos no mundo e são utilizados principalmente como ansiolíticos e hipnóticos, além de possuir ação miorrelaxante e anticonvulsivante. Essa classe de medicamentos constitui um grupo de fármacos usualmente prescrito para problemas de ansiedade generalizada e outros tipos de transtorno que possuem origem na ansiedade, uma vez que exercem efeito calmante ao ligar-se aos receptores GABA A (Ácido Gama – Aminobutírico) e modularem a ação de neurotransmissores, potencializando a inibição dos mesmos ao nível do SNC (MARCHI et al., 2013)

Uma das muitas indicações dos BZD é no tratamento do transtorno da ansiedade que figura entre um dos males mais evidentes na atualidade onde o mecanismo natural psico-fisiológico está descompensado. A ansiedade, normal e indutora de reações importantes ao desenvolvimento humano, passa a ser patológica quando ocorre o desequilíbrio de neurotransmissores, em especial a serotonina, e desencadeia ações e emoções exageradas a determinados objetos ou situações vividas (MAGALHÃES; DINELLY; OLIVEIRA, 2016).

É importante dizer que os transtornos de ansiedade têm aumentado expressivamente no último século, sobretudo devido às profundas transformações ocorridas no âmbito econômico e cultural que foram acompanhadas por pressões de uma sociedade moderna, tecnológica e principalmente cada vez mais competitiva (MARCHI et al, 2013).

Sabe-se que os BZDs promovem altas taxas de dependência, o que leva, respectivamente, ao aumento da dose necessária para o mesmo efeito terapêutico e tem sido um grande problema de cunho social, abrangendo pessoas de diversas classes sociais e faixas etárias (BEZERRA et al., 2017; CASTRO et al., 2013).

Neste sentido, o presente estudo buscou investigar na literatura científica a discussão sobre o uso dos Benzodiazepínicos utilizados pela sociedade na atualidade, mais especificamente na última década, considerando o aumento da prevalência de ansiedade e o uso de BDZ nos estudos encontrados na literatura, principalmente em mulheres. Para tanto, buscou responder a pergunta norteadora: quais as repercussões do uso de benzodiazepínicos na sociedade atual?

MÉTODO

Estudo do tipo revisão integrativa de literatura, constituída por publicações indexadas no banco de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Para coleta de

Temas em Saúde
Volume 18, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

informações foram utilizados Descritores em Ciências da Saúde (DECS): benzodiazepínicos, consumo e mulheres.

Os critérios de elegibilidade adotados foram: artigos disponibilizados eletronicamente na íntegra, publicados no período 2007 a 2017, no idioma português e que convergissem como objeto de estudo. Foram excluídos artigos repetidos ou que divergiam da temática proposta. Observou-se que a literatura de livre acesso é bastante escassa, sendo os artigos mais novos, restritos aos assinantes dos periódicos.

Durante a coleta de dados foi encontrando um universo de 317 artigos. Destes, estavam disponíveis eletronicamente 123 estudos científicos, dos quais apenas 31 estavam na língua portuguesa. Desse último quantitativo, publicados no período de 2007-2017, restringiu-se a 19 artigos, os quais 09 estavam repetidos; 05 não convergiram com objeto de estudo. Logo a amostra deste estudo ficou composta por apenas 05 artigos científicos. Em seguida, foram realizadas leituras, coleta de dados e análise para a produção dos resultados e discussão.

Assim, este estudo no uso do método citado, fez-se uma revisão crítica-reflexiva, que não se ocupa somente em trazer um apanhado de ideias sobre a temática, mas sim estabelecer correlação entre os autores referenciados, na perspectiva de fazer uma discussão sobre os temas discutidos nos artigos filtrados, conforme os descritores supracitados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 1 apresenta as 05 publicações que atenderam aos requisitos da pesquisa.

Os resultados demonstraram que a maioria dos usuários de benzodiazepínicos (BZD) é do sexo feminino, com idade entre 50 e 69 anos, baixa escolaridade e renda, sendo os mais utilizados o Clonazepam e o Diazepam, corroborando com a literatura.

Temas em Saúde
Volume 18, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

Tabela 1 - Distribuição dos artigos sobre benzodiazepínicos, consumo e mulheres, segundo o banco de dados da Biblioteca Virtual em Saúde, no período de 2008 a 2016, João Pessoa-PB-Brasil, 2017.

	Título	Autores	Periódico	Ano
1.	**Fatores associados ao uso de benzodiazepínicos no serviço municipal de saúde da cidade de Coronel Fabriciano, Minas Gerais, Brasil**	FIRMINO et al.	**Rev. Soc. São Paulo**	2011
2.	**Desafios na prescrição de benzodiazepínicos**	MEZZARI, R.; ISER, B. P. M.	**Rev. Latino – Americana. Enfermagem**	2015
3.	**Consumo de ansiolíticos benzodiazepínicos: uma correlação entre dados do SNGPC e indicadores sociodemográficos nas capitais brasileiras**	AZEVEDO, A. J. P. de; ARAÚJO, A. A. de; FERREIRA, M. A. F.	**Cad. Saúde Pública**	2016
4.	**Medicalização de Mulheres Idosas e Interação com Consumo de Calmantes**	MENDONÇA et al.	**Rev. da AMRIGS**	2008
5.	**Consumo de Benzodiazepinas por Trabalhadores de uma Empresa Privada**	MOLINA, A. S.; MIASSO, A. I.	**Ciência & Saúde Coletiva**	2008

Perfil do uso dos Benzodiazepínicos

Insônia e ansiedade são sintomas que requerem investimento, tratamento especializado, gastos financeiros e provoca sérias consequências para a saúde, na produtividade e na qualidade de vida do paciente. Comumente, afeta mais as mulheres, pessoas divorciadas, viúvas (os) e aqueles com menor grau de escolaridade e baixa renda salarial (BEZERRA et. al., 2017).

Temas em Saúde
Volume 18, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

Segundo Lira e colaboradores (2014), o perfil do uso de benzodiazepínicos reflete as características das comunidades estudadas como o próprio atendimento da Atenção Básica. O consumo de medicamentos ansiolíticos é influenciado por concepções culturais de usuários como também dos médicos que os prescrevem, sendo fruto do contexto definido pelas condições socioeconômicas da comunidade.

Assim, o estudo supracitado, observou que a utilização de BDZ por mais de 12 meses consecutivos atingiu 71% das mulheres com idade média de 52 anos, e estas, se mostraram usuárias crônicas. Estas características observadas com frequência em muitos estudos mundo afora explicam o difícil manejo destes pacientes quando o assunto é desmedicalização, diminuição e retirada das posologias utilizadas. Dentre os sintomas mais comuns apresentados como motivo para o uso de ansiolíticos, a insônia representou 42,6% das pessoas entrevistadas; sendo que a prescrição inicial foi feita por médico clínico geral em 66,2% dos casos (LIRA et al.,2014).

Em outro estudo, através de questionário semiestruturado, com 18 mulheres, pertencentes a classes populares da cidade de Ribeirão Preto - SP, as quais eram clientes psiquiátricas do serviço público ambulatorial do Núcleo de Saúde Mental, vinculado ao Centro de Saúde Escola da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP-USP), foi observado que o consumo de calmantes é comum e usual entre as mulheres mais idosas e que este uso é intensificado por conflitos e problemas cotidianos. Estas usuárias, uma vez que incorporam ao longo dos anos a experiência e conhecimento sobre estes medicamentos, acabam por disseminar culturalmente o hábito de consumo dentro da comunidade em que vivem (MENDONÇA et. al., 2008).

O serviço municipal de saúde da cidade de Coronel Fabricio – MG teve no ano de 2011 aproximadamente 75% de suas prescrições médicas destinadas a mulheres e indivíduos adultos com idade média de 49 anos, sendo que 25% destas receitas eram medicamentos ansiolíticos do grupo BZD. As mulheres possuem uma maior auto percepção e preocupação com a saúde e procuram os serviços especializados numa percentagem bem maior que os homens o que justifica os altos índices encontrados nas pesquisas (FIRMINO et. al., 2011).

Por outro lado, em estudo realizado em duas Unidades de Saúde da Família (USF) no interior de Santa Catarina, pode-se verificar que o uso de BZD é maior na zona rural que na zona urbana, já que a frequência de uso destes fármacos entre as mulheres e os casados superou 70%, sendo a média de idade de 60 anos (MEZZARI; ISER, 2015).

Os BZD mais utilizados na pesquisa foram: Clonazepam (38,9%), Diazepam (26,6%) e Bromazepam (20,7%). Em ambas as USF o consumo de Clonazepam foi superior ao de Diazepam (MEZZARI; ISER, 2015).

Temas em Saúde
Volume 18, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

De toda forma o consumo de medicamentos ansiolíticos difere entre as regiões já que sofre a influência da disponibilidade, dos preços e dos hábitos locais de uso. No setor centro-oeste, o Alprazolam é o mais vendido, seguido por Bromazepam, Clonazepam, Lorazepam e Diazepam, nesta ordem. Sendo o Alprazolam duas vezes mais vendido que os demais (AZEVEDO; ARAÚJO; FERREIRA, 2016).

Os profissionais de saúde que atuam na Atenção Primária de Saúde devem estar atentos ao uso de BZD de forma disfuncional e repetitiva, já que as mulheres donas de casa, casadas, com filhos, além de culturalmente desprovidas, ficam sujeitas ao uso e a dependência de medicamentos ansiolíticos e psicotrópicos com efeitos colaterais orgânicos e mentais importantes (SILVA et al., 2016).

A dependência aos BZDs relaciona-se não só à presença do fármaco, mas também às características individuais do paciente, devendo-se evitar a prescrição àqueles que possuem história de drogadição ou a pacientes depressivos ou polimedicados. A dose diária e o tempo de uso continuado dos BZDs são fatores importantes para estabelecer um quadro de dependência (BEZERRA et. al., 2017).

Além disso, de acordo com os estudos relatados pela literatura, o abuso de BZD ocorre também nas mulheres que não estão atuando no mercado de trabalho e por sua vez sofrem pressão psicológica e social. Resultados semelhantes foram encontrados em outras pesquisas que envolveram outros usuários de ansiolíticos e medicamentos psicotrópicos e que estavam desempregados.

O fato dos benzodiazepínicos e antidepressivos serem classes de produtos muito prescritos faz com que esta alta acessibilidade gere um maior risco para ingestões excessivas e sobredosagem. Do ponto de vista toxicológico, é importante ressaltar que nestas duas classes de fármacos existem várias substâncias que, na sua maioria, são extensamente metabolizadas no organismo, originando compostos farmacologicamente ativos que contribuem para o desenvolvimento de intoxicações (TAKAHAMA; TURINI; GIROTTO, 2014).

A relação entre gênero e uso de benzodiazepínicos

Segundo Saffioti (1992) “a definição de gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseado em diferenças percebidas entre os sexos, e gênero é também a maneira primordial de significar relações de poder”. Duas proposições tornam-se aí salientes. Primeira, as diferenças anatômicas entre homens e mulheres resultam de uma percepção socialmente modelada, ou seja, gênero é um produto social, aprendido, representado, institucionalizado e transmitido ao longo das gerações. Segunda, as relações

Temas em Saúde
Volume 18, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

de poder exprimem-se primordialmente através das relações de gênero; enfim, o poder é distribuído de maneira desigual entre os sexos - cabe às mulheres uma posição subalterna na organização da vida social.

Alguns autores relatam alguns aspetos relacionados às questões de gênero que repercutem negativamente na saúde mental das mulheres: os múltiplos papéis, em especial os que agregam maternidade mais trabalho doméstico mais trabalho assalariado; o status matrimonial (que pode ser fator protetivo ou não da saúde mental para ambos os gêneros) e o número de filhos; os impactos da violência física e sexual, inclusive aquelas que ocorrem no âmbito da família; o analfabetismo, principalmente em áreas rurais de diversos países; os casamentos tradicionais arranjados e os efeitos da poligamia (ambos muito comuns em países árabes); a sexualidade quando fora dos quadros mais autorizados socialmente; os efeitos da circuncisão feminina (prática que prevalece em países africanos), mesmo em mulheres com nível socioeconômico mais elevado (ALVES, 2017).

De acordo com o que foi supracitado acima, o gênero feminino está mais propenso a consumir drogas ansiolíticas para amenizar os episódios de depressão e esse processo de medicalização do consumo de ansiolíticos acabou se tornando um problema de saúde pública que atinge complexas dimensões e, na literatura nacional ou internacional, há a unanimidade em afirmar que o consumo dessas substâncias ocorre em maior escala pelas mulheres em todo o mundo.

Em um estudo realizado por Martin e colaboradores (2012), em Santos, São Paulo, as mulheres com transtornos depressivos descreveram um cotidiano pobre, por vezes violento, repleto de incompreensões e sofrimentos. De certa forma, os medicamentos consumidos permitiam enfrentar esta realidade considerada tão sofrida, podendo estar instalada uma dependência psíquica ou física.

Nesse contexto, pesquisadores inserem uma nova questão no uso de medicamentos benzodiazepínicos e antidepressivos sobre quais os limites entre as funções terapêuticas e de «conforto» ou de «performance» dos medicamentos psicotrópicos. Para estes autores, há uso incorreto, prescrições incertas, demandas de bem-estar psicológico que desequilibram a percepção destes medicamentos num conflito entre cuidado, conforto e dependência (MARTIN et al., 2012).

A forte ligação entre “depressão e feminino” ou, mais além, entre o consumo de certos benzodiazepínicos elaborados pela indústria farmacêutica e feminina sugere a análise dos distintos interesses e desejos envolvidos na prescrição dessas substâncias para públicos relativamente específicos. Sugere também a necessidade de se problematizar mais sobre o modelo dominante de atenção à saúde mental oferecido em tantos países. O fato de inúmeras mulheres consumirem tais medicamentos diariamente demonstra certo

Temas em Saúde
Volume 18, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

desconhecimento a respeito dos efeitos que podem trazer à sua saúde em longo prazo (ALVES, 2017).

Se por um lado, esses medicamentos dão às mulheres uma sensação de estar no controle de suas vidas, uma vez que diminuem o estresse provocado pela vida cotidiana; por outro, com o uso continuado dos benzodiazepínicos, as mulheres passam a se sentir controladas pelo medicamento, uma vez que passam a desenvolver tolerância a ele e se tornam dependentes do prescritor para garantirem acesso ao produto (MELO; OLIVEIRA, 2011).

Um estudo com mulheres em idade fértil, expostas a medicamentos, demonstrou que os medicamentos com atuação no SNC foram responsáveis por 59,9% das ocorrências das internações hospitalares, destacando-se os antiepilépticos (21,2%) e os antidepressivos (20,7%). Concluíram que as exposições a medicamentos representam um grave problema à saúde de mulheres em idade fértil (TAKAHAMA; TURINI; GIROTTO, 2014). Esses dados reforçam ainda mais a necessidade de uma avaliação criteriosa e racional para a prescrição de medicamentos psicotrópicos, especialmente para mulheres.

Molina e Miasso (2008), em estudo sobre o consumo de BZD em uma empresa privada chilena, com 40 trabalhadores, teve como resultado que 85% das mulheres usavam alguma medicação ansiolítica, sendo que 65% eram casadas, com idade entre 18 e 39 anos possuindo entre 9 e 12 anos de estudo.

Já em outro estudo feito por Carvalho, Santos e Orosco (2016), o uso de benzodiazepínicos é frequente em idosos do gênero feminino. Essa situação é preocupante, na medida em que esse segmento populacional apresenta maior predisposição aos efeitos adversos e à toxicidade dessas medicações.

Um estudo sobre os contextos e padrões do uso indevido de benzodiazepínicos entre mulheres, os resultados mostram que o uso indevido relacionado ao tempo prolongado vem acompanhado de ausência de informações adequadas sobre os riscos dos BZD, mesmo sob supervisão médica. Ressaltam a importância da orientação e acompanhamento adequado, como campanhas informativas que salientam a necessidade de ampliação da percepção de risco pessoal entre mulheres que fazem uso prolongado de BZD (SOUZA; OPALEYE; NOTO, 2013).

A grande maioria dos artigos traz como a condição sociodemográfica como principal fator indutor do uso desta classe de medicamento. O predomínio entre pessoas do sexo feminino implica na maior atenção por parte das autoridades de saúde pública como dos profissionais de saúde.

Temas em Saúde
Volume 18, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

CONCLUSÃO

Observou-se nos estudos selecionados que o uso indiscriminado de benzodiazepínicos é estimulado geralmente por problemas sócios familiares, que por sua vez, são geradores de insônia e ansiedade, sendo as mulheres, donas de casa, com renda salarial entre 1 e 2 salários mínimos, com baixo nível de escolaridade e com idades entre 50 e 69 anos, o grupo mais afetado pelos efeitos colaterais causados pelo uso prolongado destes fármacos, incluindo transtornos pessoais e sociais. Além disso, as mulheres desempregadas constituem uma parcela importante dentro do universo de usuários crônicos destes medicamentos.

Neste sentido, o surgimento de estudos que possam contribuir para as discussões em relação ao uso e a prescrição responsável de benzodiazepínicos, com enfoque no gênero feminino, são de grande relevância no meio acadêmico e profissional, com fins de compreender essa relação e desenvolver políticas públicas e informações que visem à prevenção da dependência dessa classe de medicamentos, bem como à promoção à saúde, como o incentivo a prática de atividades físicas e educação em saúde mental, minimizando, assim, os agravos do seu uso irracional.

REFERÊNCIAS

ALVES, T. M. Gênero e saúde mental: algumas interfaces. **Working Paper**. v.2 n.3 p.1-22 Universidade do Minho, Campus de Gualtar, 2017

AZEVEDO, A. J. P. de; ARAÚJO, A. A. de; FERREIRA, M. A. F. Consumo de ansiolíticos benzodiazepínicos: uma correlação entre dados do SNGPC e indicadores sociodemográficos nas capitais brasileiras. **Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 83-90, jan. 2016.

BEZERRA, E. R.; JÚNIOR, E. B. A.; DINIZ, A. F. A.; ALVES, L. P.; NOBREGA, R. O.; FELICIO, I. M.; DE QUEIROZ, M. D. S. R. Utilização de benzodiazepínicos por usuários do sistema único de saúde. **Journal of Biology & Pharmacy and Agricultural Management**, v.13, n.3, 2017.

Temas em Saúde
Volume 18, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

CARVALHO, A.; SANTOS, L. F. dos; ORASCO, S. S. O uso de benzodiazepínicos em mulheres idosas e o papel do médico da atenção primária. **Colloq Vital**, v.8 n.3 p.52-59. Set-Dez, 2016.

CASTRO, G. L. G. Uso de Benzodiazepínicos como automedicação: consequências do uso abusivo, dependência, farmacovigilância e farmacoepidemiologia.; **Revista Interd**., v.6, n.1, p.112-123. Jan.Fev.Mar, 2013.

FIRMINO, K. F. et al. Fatores associados ao uso de benzodiazepínicos no serviço municipal de saúde da cidade de Coronel Fabriciano, Minas Gerais, Brasil. **Caderno de Saúde Pública,** Rio de Janeiro , v. 27, n. 6, p. 1223-1232, jun. 2011.

LIRA, A. C. de. et al.. Perfil de usuários de benzodiazepínicos no contexto da atenção primária à saúde. **Revista APS**. v.17 n.2 p.223-228. Abril-Junho, 2014.

MAGALHÃES, A. E. C.; DINELLY, C. M. N.; OLIVEIRA, M. A. S. Psicotrópicos: perfil de prescrições de benzodiazepínicos, antidepressivos e anorexígenos a partir de uma revisão sistemática. **Eletronic Journal of Pharmacy,** vol. XIII, n. 3, p. 111-122, 2016.

MARCHI, K. C. et al. Ansiedade e consumo de ansiolíticos entre estudantes de enfermagem de uma universidade pública**. Revista Eletrônica Enfermagem Internet**, v. 15 n. 3, p. 731-739, jul/set. 2013.

MARTIN, D.; CACOZZI, A.; MACEDO, T.; ANDREOLI, S. B. Significado da busca de tratamento por mulheres com transtorno depressivo atendidas em serviço de saúde público. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v.16, n.43, p.885-99, 2012.

MELO, C. M.; OLIVEIRA, D. R. O uso de inibidores de apetite por mulheres: um olhar a partir da perspectiva de gênero. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.16, n.5, p.2523-2532, 2011.

MENDONÇA, R. T. et al. Medicalização de mulheres idosas e interação com consumo de calmantes. **Revista Saúde soc.** São Paulo, v. 17, n. 2, p. 95-106, 2008.

MEZZARI, R.; ISER, B. P. M. Desafios na prescrição de benzodiazepínicos em unidades básicas de saúde. **Revista da AMRIGS**. Porto Alegre. v. 59 n.3 p. 198-203. Jul.-Set., 2015.

Temas em Saúde
Volume 18, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

MOLINA, A. S.; MIASSO, A. I. Consumo de benzodiazepinas por trabalhadores de uma empresa privada. **Revista Latino – am Enfermagem**. Chile. Maio-Junho, 2008.

SAFFIOTI, H. B. **"Rearticulando Gênero e Classe Social"** In: Costa, A. O.; Bruschini, C. Uma Questão de Gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos. p. 216-251, 1992.

SILVA, V. P. et al.. Características do uso e da dependência de benzodiazepínicos entre usuários: atenção primária à saúde. **Revista de Enfermagem UERJ**, v.24 n.6. Rio de Janeiro, 2016.

SOUZA, A. R. L. de; OPALEYE, E. S.; NOTO, A. R. Contextos e padrões do uso indevido de benzodiazepínicos entre mulheres**. Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 4, p. 1131-1140, 2013.

TAKAHAMA, C. H.; TURINI, C. A.; GIROTTO, E. Perfil das exposições a medicamentos por mulheres em idade reprodutiva atendidas por um Centro de Informações Toxicológicas. **Ciencia & saude coletiva**, v.19, n.4, p.1191-1199, 2014.